



## **A ESCOLARIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE TUNÁPOLIS, SC, (1954-1974): EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS E DOCENTES**

Isabel Spies - UCS/RS<sup>1</sup>

Gabriel Citton - UNIFIL/PR<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo investigou o processo de efetivação da escolarização, as experiências educacionais e docentes na escola do município de Tunápolis, SC. Como metodologia foram utilizadas fontes documentais, entre eles, relatórios anuais e termos de visita de inspetores escolares, e a história oral, através de entrevistas com líderes comunitários e quatro professores que vivenciaram o processo escolar no município de Tunápolis, predominantemente de descendentes de migrantes alemães, provenientes do Rio Grande do Sul e de regiões próximas, em um recorte temporal que se estendeu entre 1954 e 1974. Os resultados apontam que em Tunápolis houve uma íntima relação entre comunidade e escola, destacando-se a construção da escola e Igreja, a escolha da primeira professora, o trabalho de direção e docência realizado principalmente por professores oriundos do próprio grupo de migrantes. Entre as narrativas, apesar das dificuldades decorrentes do momento histórico, as lembranças durante a docência são bastante positivas, realçando assim o importante papel do professor na comunidade de Tunápolis.

**Palavras-chave:** migração, escolarização, experiências educacionais e docentes.

### **Introdução**

#### **Fundação de Tunápolis: comunidade de migração alemã no oeste catarinense**

No Brasil, durante o século XIX, devido às correntes imigratórias, diversos núcleos populacionais étnicos foram sendo criados, em diferentes regiões do país. Ao tratar da imigração alemã, na região sul, os imigrantes estabeleceram-se primeiramente em São Leopoldo. Posteriormente, terras do estado vizinho começaram a ser ocupadas, entre outros fatores, devido ao baixo custo das terras se comparadas ao estado gaúcho. No oeste catarinense as negociações de terras foram realizadas pelas associações ligadas aos

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade de Caxias do Sul/RS. Email: isabelspies@ig.com.br.

<sup>2</sup> Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade de Caxias do Sul/RS e Especialização em Handebol Pelo Centro Universitário Filadélfia, PR/UNIFIL. Email: gabrielcitton@ig.com.br.

agricultores e descendentes de imigrantes. O Volksverein<sup>3</sup> (Sociedade União Popular – SUP), estruturado por padres jesuítas, deu suporte ideológico, financeiro e técnico para a efetivação de diversas colonizações organizadas nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (EIDT, 1999), entre elas, Porto Novo<sup>4</sup>, no oeste de Santa Catarina.

Historicamente, no ano de 1951, uma nova localidade inserida na colônia de Porto Novo, “só conhecida pelos caçadores e medidores de terra, por ser uma terra fértil e com muita água<sup>5</sup>”, estava prestes a ser povoada. Essa comunidade passou a chamar-se Vila Tunas, fundada predominantemente por descendentes de imigrantes alemães, cujas primeiras famílias foram provenientes do Rio Grande do Sul e regiões próximas do município. Primeiramente Tunápolis era denominada Distrito de Tunas, em função de vasta vegetação de cactos existentes no local do primeiro acampamento dos migrantes, sendo que o nome destes cactos é “Tuna”.

O Distrito de Tunas foi formado com uma área de 134,17 km<sup>2</sup>, sendo que atualmente o município continua tendo a mesma área. Está situado no extremo Oeste de Santa Catarina, fazendo divisa: ao norte, com o município de Santa Helena; ao sul, com o município-mãe Itapiranga; ao leste, com o município de Iporã do Oeste, ao oeste, com a República da Argentina; e ao sudeste com o município de São João do Oeste, visível na figura 1.

**Figura 1:** Localização do Município de Tunápolis, SC



*Fonte:* Imagens Google – Wikipédia. Acesso em: dez. de 2010.

<sup>3</sup> Foi uma organização social filantrópica criada em 1912, planejada no III Congresso dos Católicos Alemães, realizado em Feliz, RS, concebida sob a influência dos padres jesuítas, para ser a referência de planejamento, de obtenção dos recursos financeiros e técnicos, na efetivação de núcleos de migrantes alemães.

<sup>4</sup> Porto Novo, fundada em 1926, foi povoada por colonos provenientes dos municípios gaúchos de Bom Princípio, São Sebastião do Caí, Montenegro e Cerro Azul (hoje Cerro Largo), constituída somente por descendentes de imigrantes alemães de confissão católica, consolidando a policultura agrária na propriedade privada. Hoje, inclui os municípios de Itapiranga, São João do Oeste, Tunápolis e parte de Mondai (EIDT, 1999, p.15).

<sup>5</sup> Trecho escrito por Pe. Balduino Schneider, publicado na Revista Skt. Paulusblat, em agosto de 1952, intitulado: “Das letzte Land von Porto Novo” (A última terra de Porto Novo). Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Tunápolis, SC.

O Município de Tunápolis, fundado em 1989, possui atualmente uma população de 4.633 habitantes (Fonte: Censo IBGE/2010), caracterizando-se pela predominância da descendência alemã. Inicialmente foram exploradas as primeiras terras, próprias para os minifúndios e as mais diversas lavouras. Nessas terras, a quantidade de árvores ainda era grande, o que obrigava os proprietários a desmatá-las para poderem abrir suas lavouras (JUNGBLUT, 2005). A fertilidade do solo, o clima favorável, e a riqueza do cedro, marfim, loro, canafístula, grápia, madeiras nobres da região, fizeram com que a nova comunidade crescesse rapidamente (BIEGER, 2006, p.39). Após o estabelecimento das primeiras moradias, a comunidade foi oficialmente fundada no momento da celebração de uma missa, no dia 20 de setembro de 1951, uma forma determinada como ato de fundação entre os católicos. Estes migrantes, assim como em outras comunidades étnicas, trouxeram algumas características marcantes, quanto às tradições, os costumes, às culturas, à língua e à religiosidade. A definição dos líderes comunitários foi realizada de forma conjunta, que foram os responsáveis em auxiliar a vinda de novas famílias e fomentar o próprio desenvolvimento da comunidade.

No decorrer dos três primeiros anos, muitas famílias se estabeleceram em Vila Tunas, e embora a Igreja e a família já estivessem sendo assistidas pela *Volksverein* e pelos líderes comunitários, no anseio de um desenvolvimento mais consistente, surgia a necessidade de se pensar na educação formal das crianças. Nesta perspectiva, a comunidade de Tunas uniu-se para que, juntamente com suas lideranças e a companhia colonizadora, iniciassem os trâmites para o projeto de escolarização de seu povo.

### **A organização comunitária: iniciando a escolarização em Tunápolis**

Toda e qualquer organização comunitária necessita de uma estruturação adequada a fim de consolidar-se e desenvolver-se. Neste aspecto, Kreutz (2000, p. 159), relata que “as colônias de imigrantes alemães, italianos e poloneses empreenderam uma ampla estrutura comunitária de apoio ao processo escolar, religioso e sociocultural, à semelhança dos países de origem”. Ao citar as colônias de imigrantes alemães, Monteiro (1984, p. 25), acrescenta que, ao serem fundadas, de imediato, a própria moradia, a igreja e a escola tinham prioridade. E no caso do município de Tunápolis não foi diferente.

O centro da organização física de uma comunidade rural era a vila, planejada para concentrar a administração, o comércio, e em destaque a escola e a igreja (KREUTZ, 2004).

Todas essas estruturas, de caráter comunitário, eram fundamentais para o desenvolvimento da respectiva comunidade.

Conforme afirma Kreutz (1994, p. 40), foram as coordenações das Igrejas, católica e evangélica, que assumiam a questão escolar como seu principal ponto de apoio para a ação continuada e estruturada nos núcleos rurais. Após a fundação das colônias, a escola, no que tange a sua construção e concepção, estava inserida entre uma das primeiras preocupações dos imigrantes. Segundo, Kreutz (2000), parte dos imigrantes provinha de forte tradição escolar em seu país de origem, era alfabetizada, e valorizava muito a escola. No entanto, manter os filhos nela era não somente uma questão cultural, mas também uma obrigação moral e religiosa, pois nela as crianças eram preparadas para a vida adulta de forma holística: social, moral, religiosa e até mesmo profissional, já que as informações agrícolas como também as atividades caseiras sempre faziam parte dos conteúdos e atividades escolares. Sendo assim, a escola era indispensável para a vida de todo o jovem, fazendo parte da sua tradição.

A iniciativa conjunta entre a comunidade, por meio de suas lideranças, e a Igreja, por intermédio dos padres jesuítas, possibilitou a efetivação do processo educacional escolar de Tunas no ano de 1954<sup>6</sup>. Desde o seu funcionamento, a escola de Tunas<sup>7</sup> foi uma instituição pública, no entanto teve inúmeras características e semelhanças com as escolas étnico-comunitárias. Essas características podem estar relacionadas ao contexto de coletividade que se desenvolvia a comunidade. A criação de escolas comunitárias caracterizava-se por manter a cultura dos grupos étnicos e garantir o ensino aos filhos de imigrantes, e como visto anteriormente, o governo resistia em disponibilizar o ensino público nas colônias, por não ter meios para garanti-la e, ao que tudo indica, não o considerava prioritário. (RAMBO, 1994).

Esse modelo escolar tinha como intuito desenvolver a educação formal às crianças de determinado grupo e sugeria uma vinculação estreita entre a comunidade e Igreja. O papel da comunidade nestas escolas seria de idealizar, construir, financiar e auxiliar, por meio de trabalhos voluntários, o desenvolvimento do ensino. Alguns membros eleitos deste próprio grupo faziam parte da diretoria escolar que, por sua vez, dinamizavam os assuntos relativos à escola, como por exemplo, definição do professor, acompanhamento do seu desempenho e auxiliar nos aportes necessários para uma educação formal dos educandos.

Uma das primeiras instalações comunitárias foi a edificação da Igreja, em 28 de janeiro de 1953, que passou ser utilizada também como escola no período de 1954 a 1960,

---

<sup>6</sup> Referimo-nos a escola de Tunas, situada no centro da comunidade, pois outras também foram criadas no interior do município.

<sup>7</sup> Escola de Tunas é uma maneira carinhosa de referirmos à Escola do município de Tunápolis.

quando foi construído o primeiro prédio próprio com duas salas de aula que mais tarde viria a ser ampliado.

A escola significou um assunto da comunidade e para a comunidade. A sua construção constituía-se uma tarefa essencialmente comunitária, e “desde a concepção da idéia até a elaboração do projeto e sua posterior concretização, envolviam-se todos os membros da comunidade” (RAMBO, 1994, p.91). A construção da *Schulkapelle*<sup>8</sup> foi algo marcante, pela intensa participação comunitária, da sua importância diante do contexto da população e de sua posterior utilidade como centro social e cultural da comunidade.

## **Metodologia**

Partindo das considerações iniciais, o presente estudo teve o aporte teórico da História Cultural, que consiste em “[...] decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 1995, p. 42). A metodologia utilizada foi o paradigma indiciário, que procura trabalhar com indícios, pistas, sinais acerca da investigação dos detalhes, das entrelinhas dos acontecimentos (PESAVENTO, 2003). Como instrumentos desta investigação foram realizadas análises documentais e a história oral, que consiste em história de vidas, na qual pessoas saem do anonimato, tornando-se valiosos colaboradores. Os documentos foram localizados na própria instituição de ensino, entre eles relatórios anuais e termos de visita de inspetores escolares. Já a história oral, foi realizada através de entrevistas com líderes comunitários e quatro professores que vivenciaram o processo escolar no município de Tunápolis durante o recorte temporal de 1954 e 1974, período em que funcionou a primeira à quarta série na escola.

## **A docência na escola de Tunápolis – a definição da primeira professora**

Ao tratar da questão que envolve o processo educacional, surge a importante função do professor. Nos grupos de imigrantes, ele possuía papel fundamental, pois seria a referência para a ligação entre a Igreja e a comunidade, entre a Igreja e a escola, sendo que trabalhar em benefício do desenvolvimento da comunidade era uma de suas missões primordiais.

---

<sup>8</sup> Igreja e escola em um mesmo local.

Para tanto, o professor, para estas escolas, “seria aquele com raízes no povo, vivendo com o povo, comprometido com os fundamentos da religião entendido como vocação ou sacerdócio” (ALBERT ETGES, apud KREUTZ, 2000, p. 163). O professor era aquele indivíduo que deveria ser e dar bom exemplo à comunidade, sua imagem era valorizada, pois lhe eram atribuídas funções de grande responsabilidade, voltadas a aspectos educacionais, sociais e religiosas.

Portanto, sabe-se que cada escola possui características específicas e, no caso da escola do núcleo rural de Tunas, como característica marcante registra-se a definição da primeira professora, por intermédio da Igreja, e da associação escolar<sup>9</sup>. Procurava-se para essa função algum indivíduo do próprio grupo de moradores e ciente das necessidades quanto à escolarização das crianças. Além disso, ter uma formação básica, capaz de ensinar as noções essenciais da leitura, escrita e cálculo se fazia necessário.

Em comunidades católicas, sempre foi elevado o número de professores sem titulação de escola normal. Para Kreutz (2000, p.173), “geralmente eram os egressos de seminários ou juvenatos de religiosos que adquiriam a formação pedagógica por meio de um estágio junto a um professor experiente”. Na maioria das vezes, tinham uma formação básica para ministrar as aulas ou ainda alguma outra experiência frente à direção da comunidade. Acredita-se que por esse motivo, as lideranças da comunidade e a Igreja investiram na procura de um indivíduo que tivesse frequentado e recebido ensinamentos em um Seminário, como também uma intensa vivência com os moradores da comunidade.

Quanto à definição do primeiro professor para atuar na escola de Tunas, a narrativa do filho de um dos primeiros moradores da comunidade traz um dado interessante

Eu nasci no Rio Grande do Sul, e quando cheguei em Tunas, em abril de 1952, estava com 17 anos, e já havia terminado os estudos no Colégio Santo Inácio em Salvador do Sul/RS. Como os padres jesuítas já sabiam deste detalhe, um certo dia vieram até a casa dos pais, justamente porque sabiam da minha formação. Depois de conversarem com meus pais, me convidaram para ser o primeiro professor da escola. Mas a proposta não foi aceita pelos meus pais, porque eu precisava trabalhar na lavoura. Fiquei sabendo disso só depois de uns anos e me deixou muito triste porque eu tinha muita vontade de ser professor<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Todos os moradores de uma determinada localidade eram considerados sócios da comunidade, se participassem das tarefas comuns. Entre estes moradores se escolhia a diretoria que formava a *Associação Escolar ou Comunidade Escolar ou ainda, em alemão, Schulvorstand*. A escola era de fato planejada, estruturada, amparada, fiscalizada e dinamizada pelas famílias através da comunidade escolar. Cabia a ela também contratar o professor, acompanhar seu desempenho, providenciar sua remoção, demissão ou substituição em caso de ineficiência ou má conduta (RAMBO, 1994).

<sup>10</sup> Entrevista realizada em fevereiro de 2010, com um dos grandes líderes comunitários, e até hoje um dos mais citados quando se trata da história de Tunápolis.

Segundo orientações, este morador seria uma ótima opção de professor para a comunidade, porém, a tentativa, como narrada acima, não prosperou nesse caso específico de Tunas. Sendo assim, oficialmente, a primeira professora a lecionar na Escola Municipal da Linha Tunas foi Helga Anschau Follmann<sup>11</sup>. Seu contrato como docente da escola de Tunas foi realizado por meio do seguinte ofício:

Eu, Willibaldo Schoeler, Prefeito Municipal de Itapiranga, usando das atribuições que me são conferidas pela Lei Estadual n. 250 de 14 de janeiro de 1949, que dá nova Redação a dispositivos da Lei n. 22, de 14 de novembro de 1947, Resolve: contratar a professora Helga Anschau para reger a Escola Municipal da Linha Tunas, percebendo os vencimentos mensais de Cr\$ 800,00 (oitocentos cruzeiros) a contar de 15 (quinze) de Fevereiro de 1954. Prefeitura Municipal de Itapiranga, 18 de Fevereiro de 1954. Willibaldo Schoeler, Prefeito Municipal<sup>12</sup>.

Segundo relatos de membros da comunidade, Helga Follmann foi a primeira professora porque na época não havia outro líder ou morador para assumir este cargo, sendo que ela já havia terminado seus estudos.

Indiferentemente da maneira pela qual a professora Helga foi escolhida como professora, ou ainda, quem fora pensado pela Igreja/comunidade para esta função, o importante diante do contexto em que se encontrava era o funcionamento da escola e a expectativa de uma educação formal para as crianças da comunidade.

As aulas iniciaram em fevereiro de 1954, com 33 alunos matriculados, porém no decorrer do ano, mais matrículas foram realizadas, conforme consta no primeiro Termo de Inspeção realizado pelo então Inspetor Escolar, Pe. Ervino Schmidt<sup>13</sup>, datado de 04 de outubro de 1954

A escola funciona com 42 alunos, sendo 15 rapazes e 7 meninas no 1º ano, 3 rapazes e 5 meninas do 2º ano, 8 rapazes e 4 meninas do 3º ano. O inspetor escolar e mais dois senhores convidados tiveram “muito bom” impressão e congratularam-se com o Prefeito Provisório, Sr. Wilibaldo Schoeler que criou o estabelecimento de ensino este ano<sup>14</sup>.

Com 42 crianças num mesmo local, recebendo instruções, ficava difícil para um indivíduo ministrar os conteúdos previstos. De acordo com esta situação, segundo

<sup>11</sup> Nasceu em 02 de outubro de 1934, natural de São Leopoldo, RS. Foi casada com Ivo Follmann. Estudou na Escola Complementar em Itapiranga e lecionou na escola de Tunas durante 20 anos. Faleceu em 7 de dezembro de 1988, com apenas 54 anos. Fonte: dados obtidos com a sua irmã, em dezembro de 2010.

<sup>12</sup> Este ofício, guardado até os dias atuais por Marli Follmann Lunkes, uma das filhas de Helga Follmann, contempla alguns indicativos e informações sobre a escola e remuneração da professora. Embora essas características apontem para uma escola pública/municipal, existem outros aspectos que no transcorrer das análises, indicam importantes relações e semelhanças desta instituição com as escolas étnico comunitárias.

<sup>13</sup> Além de padre na comunidade de Itapiranga, também exerceu a função de inspetor escolar na região entre os anos de 1953 e 1961.

<sup>14</sup> Termo de Inspeção, expelido pelo Pe. Ervino Schmidt, inspetor escolar, em 4 de outubro de 1954, no Livro de Freqüência diária de 1954. Acervo Escola de Educação Básica Pe. Balduino Rambo, Tunápolis, SC.

depoimentos, neste mesmo ano, a professora Helga foi auxiliada pela sua irmã Hilda Anschau, para um melhor andamento das aulas.

No ano de 1956, a escola de Tunas, passou para rede estadual de ensino, com a denominação de “Escola Desdobrada Estadual de Tunas”. Porém, mesmo a escola transformando-se de municipal para estadual, entre os anos de 1954 e 1956, as aulas foram ministradas pelas professoras Helga e sua assistente e irmã Hilda. Apenas em fevereiro de 1957 chega o primeiro professor formado à Tunas.

### **Vinda do primeiro professor formado e suas funções na comunidade**

A cada ano, a estruturação, o funcionamento e o desenvolvimento educacional das comunidades foram passando por alterações. O papel de definir os professores para a escola, anteriormente realizada pela comunidade ou associação escolar, cabia agora às autoridades municipais ou estaduais, por meio de concursos, nomeação ou indicação do inspetor educacional. Na comunidade de Tunas, a relação entre os setores de inspeção educacional e associação escolar era bastante amigável, resguardando-se dessa um dos aspectos de escola comunitária.

O primeiro professor formado a lecionar na escola da comunidade de Tunas foi Anno Back<sup>15</sup>. Convém destacar a ida e efetivação de Anno como primeiro professor formado na escola da sede Tunas

*Depois de estudar praticamente nove anos em seminários, quando voltei para a casa de meus pais em Itapiranga, fomos conversar com o Padre Ervino Schmitt, o inspetor escolar da região. Segundo Padre Ervino com formação que eu tinha – o ginásio e a 1ª série do 2º grau completo – eu não poderia lecionar na região, precisava fazer a quarta série adaptação, para ai sim, no próximo ano prestar o concurso e poder lecionar. Em 1956 segundo a recomendação do padre, fiz a quarta série do regional e as adaptações necessárias. Já em 1957, prestei o concurso de ingresso no magistério. Passei com o título de Regente de Ensino Primário, mas estava lotado para outra comunidade. Como meu irmão residia em Tunas, soube da necessidade de um professor formado para aquela comunidade. Por meio de conversas do meu pai e meu irmão, expondo a minha formação ao inspetor escolar e ao conselho escolar da escola de Tunas, meu nome foi aceito e em 15 de fevereiro de 1957 comecei a lecionar em Tunas.*

---

<sup>15</sup> Anno Back, nasceu no ano de 1936, é natural de Forquilha, localizado na planície sul do Estado de Santa Catarina. Seus pais vieram morar em Porto Novo (hoje Itapiranga) em 1948. Estudou em seminários, e em uma das tentativas de não seguir a carreira religiosa, voltou para casa e foi trabalhar com fumo. Porém pelo trabalho com estufas de secagem de fumo, ficou muito tempo doente. Em função disso, de acordo com seu pai: “trabalhar na roça você não serve o que resta é você estudar bastante para ser um bom professor”. Achou a idéia muito interessante, então resolveu investir nesta formação. Iniciou o magistério com 21 anos, em Tunas, foi a primeira escola que ele lecionou. Além de professor (durante a década de 50 e 60), também foi diretor e posteriormente inspetor escolar (década de 70) na região oeste de Santa Catarina.



Nessa narrativa, várias são as oportunidades de discussão. Acredito que uma das mais significativas refere-se à maneira de como seu nome surgiu e foi aceito pela associação escolar. De acordo com Eidt (1999, p. 48), “[...] os novos professores eram analisados e mapeados com toda a segurança, a fim de não representarem, aos olhos das lideranças locais, um perigo ao projeto católico do município”.

Para a ligação entre a Igreja e escola nos aspectos religiosos, morais, sociais e de desenvolvimento de valores, surgia a importante figura do professor, que além de ministrar as suas aulas também era responsável por esta relação: Igreja/escola/comunidade. Trabalhar em benefício do desenvolvimento da comunidade era uma de suas missões primordiais.

Professor Anno não tinha experiências como docente, e a escola de Tunas foi a primeira na qual lecionou. Para Rambo (1994), dar o melhor de si, dentro das limitações de tempo e das próprias carências de formação profissional, fazia parte da rotina do professor, e, segundo as palavras de Anno, *“eu ia aprendendo com o tempo, se dava certo continuava daquele jeito, se não dava a gente criava novas alternativas[...]”*.

Algumas dificuldades foram sentidas pelo professor Anno, entre elas o dialeto alemão utilizado pelos moradores e alunos. A narrativa a seguir traduz o momento: *“[...] a minha família era de origem alemã, meu pai falava alemão, eu entendia o dialeto, porém minha pronúncia não era das melhores”*. Reportando-me a esta narrativa, percebo que as palavras de Eidt contemplam bem a situação vivida pelo professor Anno, *“inserido numa comunidade onde unicamente se falava o alemão, o professor forçadamente deveria ser bilíngue (EIDT, 1999, p. 38)*. A cada dia, Anno se familiarizava mais com a língua, e a dificuldade descrita acima foi superada.

No cotidiano, além das suas diversas funções à frente da escola, cabia também ao professor ser um bom exemplo pela importante configuração de seu papel na comunidade, nos aspectos educacionais, sociais e religiosos. Kreutz ao descrever a concepção de magistério no Projeto de Restauração Católica, enfatiza que o professor era

[...] considerado como o guardião da ordem e dos valores da comunidade, cabia ao professor assegurá-los não apenas pelo ensino, mas preferencialmente pelo exemplo de vida e por sua intermitente atuação no campo religioso e social. Daí a concepção do magistério e suas extensões de serviço religioso e social como uma vocação, uma missão, um sacerdócio (KREUTZ, 1994b, p. 23).

Ao tratar da questão religiosa, para Anno, *“dentro de uma comunidade no interior, o professor também ministrava a catequese, preparava para a primeira comunhão, a crisma, e também era procurado para dar conselhos e para isso deveria ser um líder religioso*

*também*”. Ele era, portanto, um colaborador do clero com as funções relativas ao ensino e a prática da religião.

O professor passou a ser um personagem estratégico no projeto comunitário. Como líder, sempre deveria trabalhar em benefício do desenvolvimento da comunidade e da melhor convivência entre os habitantes, mantendo a harmonia e procurando soluções básicas quanto aos problemas e impasses entre as famílias.

*A minha relação com a grande maioria das famílias em Tunas era ótima, mas claro que tinha algumas pessoas que não me aceitavam e tinham seus motivos. Quando eu tinha problemas de relacionamento com os pais, me dedicava mais ainda por seus filhos na escola, para dar uma resposta positiva mostrando que a coisa não era por aí (narrativa de Anno Back).*

Estando em um ambiente onde sua incumbência é bastante diversificada, o professor deve assumir as responsabilidades nas realidades que vivencia (MACHADO, 2001). Nem sempre as convivências são das mais tranquilas e faz parte da vivência humana conviver com pessoas de pensamentos, conceitos e atitudes diferenciadas. Portanto, para o professor atuar na vida social da comunidade, é preciso também participar dos problemas da comunidade.

### **Histórias e experiências docentes na escola de Tunápolis**

As histórias de professores são muitas, e algumas delas surpreendem na maneira em que foram narradas durante as entrevistas. Este é o caso da professora Irena<sup>16</sup>, que atuou na escola de Tunas nas funções de professora e diretora durante os anos de 1964 a 1988. Segundo seu relato, *“na época eu comecei a trabalhar como professora pelo importante papel desta profissão na comunidade. Éramos a pupila dos olhos para a comunidade. Por isso tínhamos que dar exemplo, ai se a gente fizesse alguma coisa fora da linha”*. Quanto a sua opção de ser diretora, Irena relata que, assumiu a escola com essa função porque era a única com mais de três anos como professora habilitada nesta escola. Mas este não era o seu forte, pois o seu forte era ser professora com os pequenos, com primeira e segunda série.

---

<sup>16</sup> Irena é natural de Dona Emma, município da região central de Santa Catarina. Sua família se instalou em Tunas quando já tinha 13 anos. Na época de escola, ela adorava estudar e era uma aluna exemplar. Gostava de auxiliar os colegas durante as aulas, todas as atividades que seu professor passava em sala de aula, facilmente eram resolvidos por ela, que dizia: *“não é por nada que posso ser professora”*. Portanto desde pequena seu sonho era ser professora. Antes de ser professora da escola da sede Tunas, foi professora no interior do município.

Já o professor Ernesto<sup>17</sup>, destaca que primeiramente não tinha pensado em ser professor, mas acabou investindo nos estudos após incentivos de seus pais. Em seus relatos Ernesto destaca a frase dita por seu pai, “se você não for padre, pelo menos será um bom professor”. Esta frase destaca a grandeza de ter os filhos estudando, buscando assim uma vocação. Sua primeira experiência como professor foi no ano de 1958, após convite do Conselho Escolar de Tunas, para ser substituto da professora Helga que estaria na época em licença gestante. Primeiramente, durante quatro meses, mas acabou lecionando na escola de Tunas entre os meses de março a dezembro de 1958, para o 1º ano fraco e 1º ano forte. Após lecionar em 1958, em Tunas, lecionou em Beato Roque, interior de Itapiranga por alguns anos, também por convite dos moradores daquela localidade. Segundo narrativa, “além de professor também rezava o terço e era o responsável em tocar o sino da comunidade”. Coursou o Normal Regional em Itapiranga, e mais tarde graduou-se em Filosofia. Na sua passagem pela escola de Tunas entre os anos de 1978 e 1990, também foi diretor desta instituição (1984-1985).

Os três professores anteriormente mencionados tiveram algo em comum, primeiramente a docência e posteriormente a direção da escola. Já a quarta professora entrevistada a senhora Lucila<sup>18</sup>, teve a experiência de ser discente e docente na escola de Tunas, ou seja, aluna durante os anos de 1955 a 1959, e professora em escolas do interior e posteriormente na escola da Sede Tunas, durante a década de 70.

Segundo sua narrativa, seus pais davam muito valor em encaminhar os filhos para a escola, sabiam da necessidade da educação para as crianças e no auxílio desta educação em uma futura profissão. Este dado é relevante, pois durante a entrevista, Lucila revela que a docência faz parte de sua família, pois dos treze irmãos, oito atuam ou já atuaram nesta profissão. Destaque também ao seu pai foi um dos líderes comunitários, e fez parte do conselho escolar de Tunas por muitos anos.

Durante as entrevistas, diferentes aspectos foram destacados, entre eles a questão da importância da escola para a comunidade de Tunas. Segundo as narrativas de Lucila e Irena, *“a sociedade dava muita importância de mandar os filhos para a escola, pois estes seriam os futuros líderes da sociedade e por isso precisariam ter cada vez mais estudo e também*

---

<sup>17</sup> Ernesto estudou no Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul, RS, dirigido pelos padres jesuítas, durante seis anos.

<sup>18</sup> Nasceu em 1948, na cidade de Cerro Largo. Chegou a Tunas com apenas cinco anos de idade. Desde criança adorava ir para a escola e era uma aluna exemplar. Estudou em colégios de Irmãs Religiosas, e enquanto trabalhava em um hospital coordenado por Irmãs, frequentou a Escola Normal, pois sua intenção era não seguir a carreira religiosa, mas sim ser professora.

*acompanhar o desenvolvimento de tudo*”. Futuros líderes poderiam ser também futuros professores e durante as décadas de 50 e 60, em Tunas, a figura do professor era uma posição respeitada.

Uma das maneiras em que nós éramos recompensados pelas famílias eram doações, não em dinheiro, mas com doações de mantimentos como carnes, ovos, verduras, hortaliças e frutas, produtos oriundos de suas próprias lavouras. Ficávamos muito felizes, era um presente e tanto (depoimento de Irena e Lucila).

Neste sentido, também é oportuno destacar alguns momentos marcados nas vidas dos professores durante ou até mesmo após a sua atuação docente. As duas narrativas seguintes pontuam muito bem estes sentimentos:

*Acredito que minha passagem por lá deixou marcas, porque quando volto para Tunápolis, alguns moradores mais antigos que foram meus alunos na época, quando cruzam por mim falam: oi professor, tudo bem com o senhor?(depoimento de Anno).*

*Eu me lembro até hoje, dos alunos que eram bem inteligentes, respeitados, participativos, mas também daqueles que eram sapecas, malandros, e não gostavam muito de estudar. Quando eu me encontro com alguns deles na rua, dos que mais me marcaram, logo me vem um filme na cabeça, de como eles era e, do que faziam na época que foram meus alunos (depoimento de Irena).*

Os extremos da vida docente, de início ou término dessa carreira, são carregados de muitas expectativas, experiências e, acima de tudo, de realizações. Existem alguns momentos dessa trajetória que deixam marcas profundas, como a passagem narrada por Anno “[...] *no meu último dia de trabalho na escola, após hastear a bandeira e cantar o hino eu pedi a palavra para me despedir, eu nem consegui chegar ao final do discurso que já comecei me emocionar*”.<sup>19</sup>

Toda a carreira do professor, segundo Nóvoa (2000, p. 9), “[...] é fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigentes do ponto de vista do empenho e da relação humana”. Ao analisarmos a atuação de professores do início do século XX e compararmos com as histórias de professores da década de 50, constata-se que muitos contextos e situações por eles vividos foram similares.

Para Nóvoa (1995), os professores são os protagonistas no terreno da grande operação histórica da escolarização. Sendo os professores os agentes primordiais de uma escola, compreender o processo da profissão docente supõe resgatar a historicidade em que

---

<sup>19</sup> Vale destacar que após a frase narrada pelo professor, seus olhos se encheram de lágrimas, tamanha a emoção de lembrar este momento marcante vivido por ele. Na sequência da narrativa, segundo o professor, este momento foi acompanhado não somente pelos demais professores e alunos da escola, mas também pelos inúmeros pais que aguardavam seu pronunciamento de despedida.

este caminho se faz (STANO, 2001). Portanto, a maneira como se processou a escolha da profissão docente pelos quatro professores entrevistados mereceu nossa atenção.

Cada professor fez parte de um determinado período da escola da sede Tunas. Diferentemente de suas atuações na escola – por longos anos ou somente como substitutos – a escolha pelo magistério para cada um é marcada por histórias singulares. Estas histórias destacam em muito a sua importância no desenvolvimento da comunidade de Tunápolis.

### **Considerações finais**

O processo educacional no município de Tunápolis não surgiu do acaso. Com o aumento do número de famílias estabelecendo naquele local, no início da década de 50, passava a ser fundamental oportunizar a escolarização das diversas crianças que ali conviviam. Neste sentido, merecem destaques os agentes que propulsionaram a constituição e continuidade do funcionamento da escola de Tunas. Entre as características destacando-se as a questão estrutural da escola, inicialmente funcionando nas dependências da capela da comunidade, que também era utilizada para reuniões dos habitantes da região, quanto às questões de trabalho comunitário das famílias, realizadas em forma de mutirão que serviam para a manutenção do prédio e demais serviços necessários. Com relação à escolarização na comunidade, foi realizada em clima de diálogo, incorporando-se no magistério da escola pública professores oriundos do próprio grupo de imigrantes, com facilidade de interação com os moradores da região.

Todo o contexto da comunidade e o processo escolar vivido em Tunas, desde a efetivação da escola, a definição de professores, as histórias de vida destes professores, são ricas fontes de investigação. Pesquisar o tema de escolarização e docência em diferentes escolas de comunidades étnicas é algo extremamente amplo, pois diversos são os caminhos e as linhas de pesquisa que podemos seguir.

Quanto a sua função na comunidade, desde a fundação da escola de Tunápolis, até meados da década de 60, era de responsabilidade do professor, desenvolver todos os aspectos relacionados à escola, entre elas matrículas, frequências diárias, o preenchimento de relatórios, a participação nas reuniões pedagógicas, a organização de reuniões com os pais, entre outras. Além dessas funções, também era de sua responsabilidade, auxiliar o desenvolvimento comunitário, organizando eventos, festividades e celebrações, servindo de elo entre a Igreja, a escola e as famílias. Essas características do professor da escola Municipal de Tunas assemelham-se em muito com a figura do professor paroquial das escolas

teuto-brasileiras, pois sua ação educativa na escola deveria ter vinculação com a ação educativa na comunidade, tornando-se localmente o agente principal dessa orquestração educativa, vinculando a escola e comunidade (KREUTZ, 2004).

Seja qual for a profissão, todas elas possuem suas especificidades. Ao tratar da profissão docente, desde alunos, já estamos vivenciando situações que poderão ser significativas no exercício docente. Por mais diversa que seja a atuação docente, é plausível acreditar que cada indivíduo produziu e continua produzindo a sua maneira de ser professor, no decorrer de sua vida.

## Referências

BIEGER, Egon Inácio. *Êxodo rural e desenvolvimento rural local, estudo de caso do município de Tunápolis-SC*. 2006. 99p. Dissertação (Mestrado em Gestão de Políticas Públicas) – Univali, Itajaí, 2006.

EIDT, Paulino. *Porto Novo: da escola paroquial ao projeto de nucleação – uma identidade em crise*. Ijuí, RS. Ed: Unijuí, 1999.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. *Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro*, n. 15, nov./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul. In: MAUCH, C.; VASCONCELOS, N. *Os alemães do Sul do Brasil*. Canoas: Ed. da Ulbra, 1994.

\_\_\_\_\_. *Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 1994b.

\_\_\_\_\_. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Pelotas: Seiva, 2004.

JUNBLUT, Roque. *Porto Novo: um documento histórico*. Itapiranga (SC). Edições SEI – FAI, 2005.

MACHADO, Nílson José. Qualidade na educação: as armadilhas do óbvio. In: Pensando e fazendo educação de qualidade. São Paulo: Moderna, 2001.

MONTEIRO, Jaecyr. *Nacionalização do Ensino: uma contribuição à História da Educação*. Florianópolis, UFSC/Fepese, 1984.

NÓVOA, António. *Vidas de professores*. NÓVOA, António (Org.). 2. ed. Porto Editora, Ltda., Porto, Portugal, 2000.

NÓVOA, António; HAMELINE, Daniel; SACRISTÁN, J. Gimeno; ESTEVE, M. José; WOODS, Peter; CAVACO, Maria Helena. *Profissão professor*. Porto Editora Ltda., Porto, Portugal, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. *Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (Séculos XIX e XX)*. Anos 90. Porto Alegre, n. 4, dez. 1995.

RAMBO, Arthur Blásio. *A escola comunitária teuto-brasileira católica*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 1994.

SCHNEIDER, Pe. Balduíno. "Das letzte Land von Porto Novo" (A última terra de Porto Novo). *Revista Skt. Paulusblat*, agosto de 1952. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Tunápolis, SC.

STANO, Rita de Cássia M. T. *Identidade do professor no envelhecimento*. São Paulo: Cortez, 2001.

#### **Fontes diversas:**

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 12 de dezembro de 2010.

Imagem Google – Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tun%C3%A1polis>>. Acesso em: 2 dez. 2010.

Ofício emitido pelo Prefeito Municipal de Itapiranga, Sr. Willibaldo Schoeler, em 18 de Fevereiro de 1954. Acervo pessoal de Marli Follmann Lunkes.

Termo de Inspeção expelido pelo Pe. Ervino Schmidt, Inspetor Escolar, em 04 de outubro de 1954. Livro de Frequência diária de 1954.